

História da Educação dos Surdos em Porto Alegre

A tarefa de analisar a história da educação dos surdos em Porto Alegre é **difícil e complexa**, devido aos **escassos registros oficiais** existentes e também pelo seu **conteúdo**, repleto de controvérsias. Por isso o presente trabalho se constitui num breve resumo sobre as experiências educativas mais destacadas, tanto das instituições governamentais, como das particulares.

Tais experiências **reproduzem a influência** e o controle educativo que os **ouvintes** sempre exerceram sobre os **surdos** - sem ouvir deles próprios quais eram as suas reais necessidades.

Experiências Educativas Governamentais

Em sua quase totalidade, essas iniciativas foram do governo estadual.

* **ESCOLA ESPECIAL DE SURDOS** - Em maio de 1962 a Secretaria da Educação e Cultura criou a referida escola, no Centro de Porto Alegre, à rua Duque de Caxias. A escola passou a funcionar com as cinco séries do então Curso Primá-

rio, oferecendo também, treinamento em oficinas para adolescentes, como marcenaria, sapataria, etc.

Depoimentos de diretores, professores e ex-alunos deixam transparecer que havia **aceitação total da Língua de Sinais**. Também se sabe que os alunos, embora não oralizados, eram capazes de manejar razoavelmente a língua escrita; e que os professores

proposta pelos governantes coincidiu com a proibição do uso da **Língua de Sinais** e com a **preocupação dos professores em ensinar a Língua oral**. É interessante registrar, ainda, que mais ou menos na mesma época - fins da década de 60 e início de 70 - a **tendência mundial** da "medicalização da surdez" (CUXAC, 1983) atingiu Porto Alegre e as estratégias

(...) os surdos de Porto Alegre construíram uma história com sua própria visão, história que não está escrita em lugar nenhum e que só pode ser apreciada através de depoimentos das próprias pessoas surdas.

usavam gestos durante as aulas, considerando a língua oral conveniente, mas não imprescindível.

Lamentavelmente, esta experiência foi de curta duração. Em 1973 a escola foi fechada, por razões que não cabe analisar neste momento. E os alunos surdos foram colocados em escolas regulares com classes especiais. Esta "integração"

educativas foram substituídas por técnicas terapêuticas.

* **CENTRO COM ATIVIDADES COMPLEMENTARES** - Em 1975 foi fundado pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado o Centro de Educação Complementar para Deficientes da Audição e da Linguagem - CECDAL. Em seguida (1976), passou a pertencer à Fundação Rio-Grandense

de Atendimento ao Excepcional - FAERS (antigo nome da FADERS). Este Centro desenvolvia atividades complementares à educação dada em escolas regulares e especiais, baseada essencialmente no oralismo e com a finalidade de "reabilitar" o surdo. Também foi criado um centro paralelo que atendia aos alunos a partir dos 14 anos, com oficinas profissionalizantes.

* **CAEDA** - Em 1987 os dois centros foram aglutinados em um só, com a denominação de Centro de Atendimento Especializado para Deficientes da Audição - CAEDA. Continuou pertencendo à mesma fundação, agora com o nome de FADERS - Fundação de Atendimento ao Deficiente e ao Superdotado no Rio Grande do Sul.

Um pouco mais tarde, a direção e professores do CAEDA adotaram a **Comunicação Total e transformaram o centro em escola**, pelos seguintes motivos: constatação do escasso aproveitamento escolar dos surdos nas classes especiais e escolas regulares; o alto nível de evasão; o fracasso de uma educação voltada exclusivamente para o aprendizado da língua oral. Houve, portanto, o **retorno ao caminho abandonado** com o fechamento da Escola Especial de Surdos, já referida. Este fato comprova a inutilidade da proibição da Língua de Sinais, além do fracasso das tentativas de "integração", sem preparação, apoio pedagógico e acompanhamento sistemático.

Os surdos, dispersados contra a sua vontade e subme-

Somente na década de 90 é que a comunidade surda passou a valorizar a Língua de Sinais e a ter uma postura crítica quanto à sua educação e cidadania.

tidos a uma educação escolhida pelos ouvintes, acabaram abandonando as escolas regulares e especiais e foram, aos poucos, reunindo-se no CAEDA, demonstrando uma atitude, talvez inconsciente, de dizer não à integração e a uma educação exclusivamente oralista.

Então, pode-se afirmar que "os surdos pertencem a uma comunidade onde o fator aglutinante é a Língua de Sinais, apesar da repressão exercida pela sociedade e pela escola" (MASSONE, 1993).

* **ESCOLA EMILIO MASSOT** - Esta escola, de 1º e 2º Graus, da rede pública estadual, localizada na Cidade Baixa, realizou uma significativa experiência educativa com surdos. Na década de 70 foi criada uma classe especial para crianças surdas da pré-escola. O projeto foi ampliado e qualificado, sendo **campo de pesquisa** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e local de estágio do Curso de Fonoaudiologia da Federação Metodista de Faculdades. Com o tempo, a escola aumentou o número de classes especiais e o número de alunos surdos, **chegando a ser quase uma escola dentro de outra escola**. Passou a ser **um ponto de referência dentro da comunidade surda**. Na modalidade de classes especiais foi uma das poucas experiências

educativas de relativo sucesso.

Infelizmente, a nova direção da escola não deu apoio a esta experiência e o projeto não está tendo continuidade.

Experiências Particulares

Quando se fala em educação de surdos na área particular, é preciso destacar o papel das **igrejas Luterana, Católica e Metodista**. Todas as três contribuíram no sentido de encontrar alternativas de soluções para os **problemas cognitivos e lingüísticos das crianças surdas**.

Desde 1956 que a Igreja Católica mantém o Instituto Frei Pacífico; a Luterana criou em 1966 a Escola Especial Concórdia; e a Metodista merece destaque pelo pioneirismo em aceitar crianças surdas em suas escolas regulares.

Ainda na área particular, é importante **destacar duas experiências**.

* **ESCOLA FUNDADA POR LUIZA SCHMITH**, que apresenta, sem dúvida, **uma história interessante**: de nacionalidade alemã, ela chegou ao Brasil no início do século, contratada por uma família tradicional de Porto Alegre, a fim de cuidar da educação de um filho, surdo de nascença. Como consequência, esta criança aprendeu primeiro a fa-

lar o idioma alemão e, num segundo momento, o português.

Concluída sua tarefa, Luiza Schmith não retornou ao país de origem e criou sua própria escola, utilizando o método alemão, exclusivamente oral. Nesta escola, estudaram muitos surdos, como o fundador da Sociedade de Surdos de Porto Alegre, Levy Wengrover.

* SERVIÇO DE FONOAUDIOLOGIA DE PORTO ALEGRE - Fundado pela

sua quase absoluta maioria, **essencialmente oralistas**. Ressalta-se a permanente discussão que, durante décadas, os ouvintes mantiveram sobre sua melhor forma de educar os surdos e da conveniência ou não do uso da Língua de Sinais. **Lamentavelmente, afastados desta discussão, estiveram sempre os mais interessados - os próprios surdos.**

Entretanto, mesmo afastados do debate, **os surdos de Porto Alegre construíram**

taram um processo de integração na comunidade dos ouvintes, sem sucesso.

Somente na década de 90 é que a **comunidade surda passou a valorizar a Língua de Sinais** e a ter uma postura crítica quanto a sua educação e cidadania. Foram iniciados **movimentos** exigindo a oficialização da Língua de Sinais, legenda na televisão, participação em conselhos estaduais e municipais.

Hoje, em Porto Alegre, os **surdos continuam sem suas reivindicações essenciais atendidas**, mas já conseguiram alguns avanços, como a oficialização da Língua de Sinais, a nível municipal; aprovação da Lei de Legendas para a TV Educativa, ainda não regulamentada; a inclusão da Língua de Sinais em alguns cursos para professores de crianças surdas; o crescimento em número e importância da comunidade solidária.

Enfim, os surdos porto-alegrenses, apesar das grandes dificuldades, estão conscientes de seus direitos como cidadãos e **já não aceitam permanecer à margem dos debates referentes a sua educação**. Mais ainda: as lideranças da comunidade surda já acusam os ouvintes por terem escolhido uma língua e uma educação que não tem sido útil, nem para o seu desenvolvimento educacional, nem para o seu desempenho profissional.

A comunidade surda está exigindo professores que dominem a Língua de Sinais, acesso a toda a informação e ao mundo do trabalho.

(...) Os surdos continuam sem suas reivindicações essenciais atendidas, mas já conseguiram alguns avanços...

fonoaudióloga Zulmira Martinez, no início da década de 70, época em que a abordagem oralista alcançava a sua culminância em Porto Alegre.

O destaque justifica-se, tendo em vista o seguinte: além da abordagem tradicional, de atendimento individual, com técnicas baseadas na estruturação gramatical da fala, na articulação, leitura labial e percepção auditiva, a clínica apresentou **três características inovadoras para a época**: valorização e conhecimento da significação da comunicação escrita, investindo na alfabetização precoce - adoção de centros de interesse; atendimento em grupos.

Ao analisar essas experiências educativas com relação às pessoas surdas, em Porto Alegre, constatamos que, até a década de 80, elas foram, na

uma história com sua própria visão, história que não está escrita em lugar nenhum e que só pode ser apreciada através de depoimentos das próprias pessoas surdas.

Neste enfoque, merece registro a **Sociedade de Surdos de Porto Alegre**, fundada em 1962 por Levy Wengrover, surdo. Independente das instituições oficiais, esta sociedade foi capaz de construir uma organização responsável pela manutenção de sua unidade, cultura e língua, mesmo ainda que utilizando formas singelas, principalmente recreativas.

Os surdos permaneceram segregados, justamente porque sua forma natural de comunicação - a **Língua de Sinais - foi desconsiderada e até proibida**. Muitos deles assumiram o ponto de vista da maioria sóciolinguística e ten-